



Um retrato de Sophia

Sophia's Portrait

Renata Soares Junqueira

Universidade Estadual Paulista (UNESP) | Araraquara | SP | BR

CNPq

renatasjunqueira@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-7053-795X>

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão breve sobre os tênues limites entre filme documentário e filme de ficção a propósito da obra inaugural da cinematografia do realizador português João César Monteiro (1939-2003): *Sophia de Mello Breyner Andresen*, curta-metragem de 1969. Se a essência do cinema documentário passa pelo flagrante de aspectos do real, então é preciso considerar que César Monteiro registrou, com maestria, a vida autêntica de Sophia precisamente nos inesperados lapsos das suas *poses* e da sua calculada *performance* como protagonista de filme.

Palavras-chave: João César Monteiro; Sophia de Mello Breyner Andresen; cinema moderno; documentário.

Abstract: This article proposes a brief reflection on the tenuous borders between documentary film and fiction film regarding the inaugural work of cinematography by Portuguese director João César Monteiro (1939-2003): *Sophia de Mello Breyner Andresen*, a short film from 1969. The essence of documentary cinema involves capturing aspects of the real, so it is necessary to consider that César Monteiro masterfully recorded Sophia's authentic life precisely in the unexpected lapses of her poses and her calculated performance as the protagonist of this film.

Keywords: João César Monteiro; Sophia de Mello Breyner Andresen; modern cinema; documentary.

O primeiro filme de João César Monteiro (1939-2003), *Sophia de Mello Breyner Andresen*, curta-metragem de 1969, deixa logo claríssimo, a quem tem olhos de ver, por que razão o cineasta inscreveria o seu nome, com firmeza, no quadro dos mais arrojados criadores do cinema português moderno. Com efeito, sob o invólucro de documentário dedicado à grande poeta do Portugal da segunda metade do século XX, já ali Monteiro questionava os limites entre ficção e realidade, procurando nas entrelinhas da obra literária de Sophia o que, afinal, nos ficou como um dos seus mais autênticos e belos retratos. Porque é a própria Sophia quem afirma, no filme, que “a obra de arte faz parte do real” (Monteiro, 1969, 05’:41”) e que “não acredito na biografia, que é a vida contada pelos outros; no fundo, a única biografia que eu tenho é aquela que está na minha poesia” (Monteiro, 1969, 08’:00”).

Assim é que a câmara, ao perseguir a poeta na intimidade da sua casa praiana, onde ela deveria aparecer com naturalidade, acompanhada dos cinco filhos em passeios de barco, em mergulhos, em brincadeiras e conversas com as crianças na praia e no aconchego da casa, aparentemente só capta dela *performances* teatrais – seja quando ela lê os seus poemas, sempre em tom declamatório, ou quando lê para o filho caçula o conto de sua autoria, “A menina do mar”; seja quando se deixa filmar de perfil, escrevendo sobre a mesa ao lado da larga janela que dá para o mar; seja ainda quando transita lentamente da casa para a praia, atravessando uma porta de madeira que abre para a claridade infinita em que ela desaparece teatralmente, como atriz que se ocultasse nos bastidores do palco.

São *performances* que a própria Sophia talvez desejasse naturais, espontâneas, mas que provocam inevitavelmente os risos furtivos das crianças e travessuras como a de aumentar bruscamente o som do toca-discos enquanto a mãe fala para a câmara que a filma, provocando assim a interrupção da cena; ou a do pequeno Francisco Xavier que, sussurrando com aparente decepção, incita a mãe a ser mais natural e a falar, durante a filmagem, com uma voz que fosse realmente a dela.

Mais do que dar forma audiovisual à temática marítima – tão cara à poesia de Sophia –, filmando a escritora no seu veraneio litorâneo, o filme, se não chega a dar-nos a essência dessa poesia – o próprio cineasta admite que “a poesia não é filmável e não adianta persegui-la” –, dá-nos seguramente a essência do cinema: “o meu filme é um filme sobre o cinema e a matéria nele” (Santos, 1969, p. 405). E se a essência do cinema

documentário passa pelo flagrante de aspectos do real, então é preciso considerar que César Monteiro registrou, com maestria, a vida autêntica de Sophia precisamente nos inesperados lapsos das suas *poses* e da sua calculada *performance* como protagonista de filme.

É, pois, no desmascaramento operado pelas crianças que o cineasta faz incidir o foco mais sugestivo da sua câmera. Para além das traquinices de Xavier, é bastante significativa a cena em que uma das filhas, em enquadramento conjunto com os quatro irmãos (e depois de ter comentado a relação de proximidade que via entre Sophia e a dançarina Isadora Duncan), lembra – para deleite dos irmãos, que nesse momento não conseguem segurar os risos mais álcres – de passagens da infância em que a mãe executava *performances* para divertir os filhos: às vezes “dançava e punha flores na cabeça e fazia passos de dança e, ao mesmo tempo, falava sozinha pelos corredores fora” (Monteiro, 1969, 14’:55”); outras vezes chamava as crianças e dizia que “ia fazer um filme e com o candeeiro da sala, ou do quarto, fazia bichos nas paredes, sombras enormes; isto é um coelho, isto é um lobo, isto é um animal, um leão, e inventava histórias das florestas através desses animais que ela projetava na parede” (Monteiro, 1969, 15’:20”).

Somem-se a isso as fissuras da montagem filmica, que o cineasta faz questão de ostentar, revelando na feitura da obra os mesmos artifícios performáticos que a protagonista do filme não foi capaz de ocultar. É assim que ao plano das crianças narrando as brincadeiras infantis da mãe sucede, bruscamente, o de Xavier manipulando o toca-discos, como já o víamos em cena anterior. Monteiro não só rompe a linearidade das cenas filmadas, fragmentando-as, como também, enquanto se ouve a voz *off* de Sophia ao fundo, lendo um dos seus textos (acerca de sofrimento e de justiça), insere entre um plano da poeta em *close-up* e um de gaivotas em voo livre sobre o mar, planos de grande agitação e burburinho mostrando pescadores e bancas de peixes no mercado, com destaque para um em que uma enorme arraia é esventrada pelo vendedor a golpes de faca e machadinho. A violência deste plano, que aparece precisamente quando a voz sobreposta da poeta fala em “luta pela sobrevivência”, destoa, em modo épico, da delicada beleza do rosto de Sophia e do pitoresco das gaivotas na praia. E destoa tanto em imagem quanto em som, já que os ruídos desordenados do mercado também estão em dissonância com a harmoniosa melodia da voz da poeta e do suave grasnar das gaivotas. De resto, a cena do mercado de peixes com o esventrar da arraia parece

prestar oportuno tributo ao cinema moderno, nomeadamente a Eisenstein (lembre-se do matadouro no desfecho de *A greve*, de 1924) e ao Manoel de Oliveira do inaugural *Douro, faina fluvial* (1931).

Logo em seguida, a traquinice das crianças com o toca-discos posto em alto som vem retomar a algazarra do mercado – só que, se no mercado a vozearia dos peixeiros e transeuntes é abafada pela declamatória voz *off* de Sophia, em casa é, ao contrário, a música repentina do toca-discos que abafa a fala da poeta, que assim se vê forçada a interromper a sua *performance* para reclamar com os filhos: “Ai, eu não posso com isso, Francisco! Não posso! Não posso de maneira nenhuma” (Monteiro, 1969, 08’:36”).

Dilui-se assim, propositadamente, a fronteira entre a ficção e a realidade – entre biografia e *representação* biográfica – em proveito deste belo retrato de mulher-poeta que o filme de João César Monteiro deixou para a história do cinema português. Ali Sophia estará sempre como um verso – já não decassilábico, mas alexandrino: numa mão sempre a caneta e noutra o cigarro... ou o livro a abrir para uma criança, ou para quem queira ouvir os versos e as histórias desta eterna “menina do mar”.

Figura 1 – *Frame* do filme *Sophia de Mello Breyner Andresen*, de João César Monteiro



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VDilav1fgzo>. Acesso em: 8 jun. 2023.

Figura 2 – *Frame* do filme *Sophia de Mello Breyner Andresen*, de João César Monteiro



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VDi1av1fgzo>. Acesso em: 8 jun. 2023.

Figura 3 – *Frame* do filme *Sophia de Mello Breyner Andresen*, de João César Monteiro



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VDi1av1fgzo>. Acesso em: 8 jun. 2023.

Figura 4 – *Frame* do filme *Sophia de Mello Breyner Andresen*, de João César Monteiro



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VDi1av1fgzo>. Acesso em: 8 jun. 2023.

Referências

MONTEIRO, João César (Dir.). *Sophia de Mello Breyner Andresen*. Portugal, 1969, 35mm, p&b, 17'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VDi1av1fgzo>. Acesso em: 8 jun. 2023.

SANTOS, João César. Entrevista com João César Santos. Por Denis Cintra. *O tempo e o modo* (Lisboa), 1ª série, n. 69-70, p. 403-410, mar-abr. 1969.

Data de submissão: 01/08/2023.

Data de aprovação: 20/11/2023.